

Telas que ensinam: mídia e aprendizagem. Do cinema ao computador

PFROMM Netto, Samuel. Campinas: Editora Alínea, 2001. 2a. ed., 225p.

Sérgio Lontra Vieira*

Telas que ensinam aborda de maneira atraente e profunda a relação da mídia com a educação. Seu autor, Samuel Pfromm Netto, é psicólogo, pedagogo, historiador e professor dos cursos de mestrado e doutorado da PUC-Campinas e docente e pesquisador da USP.

Usando as palavras do autor: “Este livro originou-se da constatação da inexistência em nosso idioma de uma obra atual, suficientemente abrangente e bem fundamentada”. Com nove capítulos organizados em torno de tecnologia da educação, educação à distância, aprendizagem humana, cinema educativo, televisão, videocassete, programação educativa e infantil na TV, conteúdos, estratégias e capacidades mentais, além de bibliografia especializada e vasta, o autor reflete, à luz de pesquisas das áreas da Psicologia e da Pedagogia, a respeito de como a aprendizagem e o ensino foram influenciados pelos diferentes tipos de telas em movimento ao longo dos dois últimos séculos.

À primeira vista, o enfoque dado não parece ter relação direta com a sala de aula, com os processos de ensino e de aprendizagem, mas, sim, com a comunicação. Ledo engano, pois a obra trata exatamente das imagens em movimento, por exemplo, no cinema, nos documentários, nos filmes científicos e nos registros de fatos e de personagens, que despertam o desejo das pessoas pelo conhecimento.

Para o autor, a tecnologia e os recursos audiovisuais, isto é, o CD-ROM, a Internet, os videocassetes e, agora, o DVD, podem promover a aprendizagem, seja ela pelo ensino à distância ou presencial. Esses recursos estão a serviço do professor em sala de aula e da universidade corporativa, bem como do profissional de treinamento e aperfeiçoamento que adota a educação à distância e a escola virtual.

Pfromm Netto discorre, também, sobre outras questões ligadas a jornalismo, rádio, cinema, televisão, instrução programada, ensino à distância e uso do com-

* Professor de Química e doutorando da Faculdade de Educação da Unicamp – área 2: Educação, Ciência e Tecnologia. slontra@unicamp.br.

putador na educação. A obra vai descortinando e revelando uma dimensão maior e crítica do mundo da tecnologia educacional e das tecnologias interativas e, assim, pode ajudar na reflexão e na ação didática dos professores.

Destaca a aprendizagem pelas imagens, que se inicia com as pinturas rupestres em grutas pré-históricas. Essa trajetória, registrada por mãos humanas desde a Antiguidade, legou uma “história das imagens” que precede o desenvolvimento de outros métodos de representação pictórica permanente: as telas, frescos e esculturas da Era Cristã, que podem ser considerados “lições” provenientes dos velhos tempos, assim como os vídeos, cinemas e programas de TV atuais também podem ser encarados como possibilidade informal de aprendizagem e de ensino. Em síntese, essa experiência visual do sujeito que aprende a partir de telas cintilantes, detectando, esquadrihando e interpretando um ou mais estímulos presentes nas telas, retirando delas algum tipo de ensinamento, pode permitir uma mudança cognitiva, mais ou menos duradoura. E, por isso, ele passa a “saber”, “conhecer”, “entender” e “lembrar”, mesmo que se trate, pela televisão, de uma aula de Física Superior normalmente considerada como um tipo mais complexo e abstrato de conhecimento.

Outra descoberta interessante, na leitura do livro, foram as lanternas mágicas do século XVII. Eram usadas como simples entretenimento e, depois, passaram a ter uma função educacional, a partir dos impactos causados pelas imagens que projetavam. Um fato histórico interessante da segunda metade do século XIX, recuperado pelo autor, é que o uso das lanternas mágicas passou a ser associado a um movimento que se iniciava em favor da educação popular. A combinação da fotografia com os princípios da projeção, as lanternas mágicas e os projetores de imagens fixas, tornaram-se recursos utilizados no processo de ensino-aprendizagem, muito antes da instalação das centrais e distribuidoras de luz elétrica. Para gerar a luz necessária à projeção, usava-se, na segunda metade do século XIX, óleo, hidrogênio ou cálcio.

No início do século XX, logo após a invenção do cinema, as escolas passaram a usar filmes educativos. Já as fitas em videocassete entraram nas escolas na segunda metade do século. Atualmente, com a ajuda das tecnologias interativas, muitos projetos ambiciosos de cursos e de escolas à distância “atravessam fronteiras regionais e nacionais, unem continentes e envolvem milhões de alunos”. Isso permite que mestres e materiais de ensino-aprendizagem de todos os níveis cheguem às escolas e às casas de alunos no mundo inteiro. “As *estradas da informação* da Internet são igualmente *estradas da educação*” e se constituem em uma nova realidade que irá redimensionar os conceitos e metodologias do processo ensino-aprendizagem. Para tal, será necessária a contribuição de profissionais de diferentes áreas e competências:

a) especialistas em múltiplos processos e meios técnico-artísticos necessários ao planejamento e à produção de materiais educativos – diretores, produtores,

roteiristas, operadores de câmaras, operadores de áudio, engenheiros de som, cenógrafos, iluminadores, etc.;

b) especialistas responsáveis pela qualidade do conteúdo a ser ensinado/aprendido;

c) especialistas que se incumbam da orientação psicopedagógica da produção.

A despeito das divergências existentes, o autor apresenta os meios e materiais de ensino que compõem o que genericamente se denomina de mídia educativa e de tecnologia educacional. Eles abrangem uma grande variedade de equipamentos, materiais e processos criados para essa finalidade, ainda que se originem de diferentes propósitos educacionais e independentes da escola. Antigamente, expressões do tipo: materiais didáticos, meios de instrução, recursos ou meios audiovisuais e outros, serviam para designar coletivamente esses suportes físicos e equipamentos que possibilitavam o contato do aluno com as informações, ou seja, as imagens, sons, textos e recursos tridimensionais.

Algumas limitações que devem ser superadas urgentemente são também apontadas por Pfromm Neto em relação às condições reais das escolas brasileiras:

a) tempo mínimo de permanência dos alunos nas escolas e tempo menor ainda, efetivamente devotado à aprendizagem;

b) salas de aula superlotadas;

c) programas extensos que precisam ser cumpridos, compostos de conhecimentos e habilidades que os alunos deverão necessariamente dominar ao fim de cada semestre ou ano letivo;

d) inadequação de instalações, mobiliário, equipamento e demais componentes do ambiente de aprendizagem escolar, não condizentes com os mais rudimentares princípios de arquitetura, engenharia, higiene e asseio aplicados às escolas;

e) incultura e baixa qualificação de boa parte do pessoal docente;

f) pobreza franciscana de recursos auxiliares de ensino, relativos desde à biblioteca de sala de aula, aparelhagem e materiais de projeção, geralmente inexistentes, até a itens mais refinados e custosos, em matéria de vídeo e áudio, computadores, etc;

g) pouca ou nenhuma ajuda efetiva ao professor em relação ao seu dia-a-dia, por parte de profissional competente, experiente e dedicado;

h) crianças e jovens com problemas especiais e estudantes que não aprendem, e ausência de serviços de psicologia escolar para fins de orientação, prevenção e intervenção efetiva em casos que requeiram assistência psicológica;

i) ausência de programas e iniciativas eficazes de envolvimento dos pais e da comunidade na discussão e solução de problemas que afetam o rendimento escolar e o desenvolvimento sadio, sob todos os aspectos, dos estudantes;

j) inexistência de programas breves, simples, práticos e envolventes de treinamento constante, atualização e aperfeiçoamento de docentes, centrados nas ne-

cessidades concretas e específicas destes, e não neste ou naquele figurino ou proposta teórica da moda.

Uma conclusão interessante do autor é que, cada vez mais, se avança na direção de “integrar o que se faz e o que se sabe sobre cada meio de comunicação num conjunto de diretivas, cuidados e produtos para que pessoas de todas as partes do mundo, de todas as idades e de diferentes categorias socioeconômicas se apropriem bem e com o máximo proveito de tudo quanto lhes for efetivamente ensinado nas *telas educativas*.”